

ISBN 85-8877-718-5



9 788588 777187 >

FICÇÃO E CONFISSÃO

935
31c

Antonio Candido

DEDALUS - Acervo - FFLCH



20900044581

ANTONIO CANDIDO

FICÇÃO E CONFISSÃO
ENSAIOS SOBRE GRACILIANO RAMOS

3ª edição revista pelo autor

SBD-FFLCH-USP



321577

Ouro sobre Azul | Rio de Janeiro 2006

Assim, os dois jovens críticos de Maceió ofereciam ao Brasil leituras reveladoras e quase sempre corretas de *Caetés*; leituras cujas qualidades fui assinalando à medida que as expunha. A favor deles é preciso ainda notar que souberam caracterizar Graciliano Ramos com base apenas no seu primeiro livro, que lhes bastou para perceber não só a força rara do narrador, mas muitas das suas características, que seriam desenvolvidas e confirmadas nos livros seguintes. Aurélio Buarque de Holanda manifesta conhecimento também do inédito *São Bernardo*, e antes de qualquer manifestação crítica de terceiro avaliou com o devido calor a sua grandeza, que deve ter sido o primeiro a proclamar. Portanto, louvemos os dois moços, que mais tarde se projetariam como autoridades reconhecidas sobre o país e já naquela altura demonstraram a capacidade de identificar um supremo narrador.

Numa observação fundamental registrada por Otto Maria Carpeaux em *Origens e fins* (1943), vimos num ensaio anterior que, para Aurélio Buarque de Holanda,

cada uma das obras de Graciliano Ramos (é) um tipo diferente de romance.

Esta característica o separa de outros romancistas do seu tempo, sobretudo os “nordestinos”, a cujo grupo pertence. De fato, é notório que, por exemplo, a parte mais importante da obra de José Lins do Rego consiste na retomada dos mesmos temas, no mesmo ambiente, e que há muito disso na de Jorge Amado. Mas Graciliano queimava meticulosamente cada etapa, no sentido quase próprio de quem destrói a forma para recomeçar adiante. Tanto assim que depois de

dizer o que queria em quatro romances, que são outras tantas experiências sucessivas, deixou o gênero de lado e passou para a autobiografia.

Esse medo de encher lingüiça é um dos motivos da sua eminência, de escritor que só dizia o essencial e, quanto ao resto, preferia o silêncio. O silêncio devia ser para ele uma espécie de obsessão, tanto assim que quando corrigia ou retocava os seus textos nunca aumentava, só cortava, cortava sempre, numa espécie de fascinação abissal pelo nada — o nada do qual extraía a sua matéria, isto é, as palavras que inventam as coisas, e ao qual parecia querer voltar nessa coreção-destruição de quem nunca estava satisfeito. (“Seria capaz de eliminar páginas inteiras, eliminar os seus romances, eliminar o próprio mundo”, diz Carpeaux.) Entre o nada primordial anterior ao texto, e o risco de acabar em nada devido à insatisfação posterior, se equilibra a sua obra essencial, uma das poucas em nossa literatura que parece melhor com a passagem do tempo, porque mais válida à medida que a lemos de novo. “É um clássico”, diz Carpeaux com razão, pois de fato Graciliano Ramos é o grande clássico da nossa narrativa contemporânea, cheia de neo-românticos e neo-barrocos.

Olhando no conjunto os seus quatro romances, sentimos que, se cada um deles representa uma experiência nova, *Vidas secas* talvez seja o mais diferente. É o único escrito na terceira pessoa e o único a não ser organizado em torno de

um protagonista absorvente, como João Valério em *Caetés*, Paulo Honório em *São Bernardo*, Luís da Silva em *Angústia*. É também o único cuja composição não é contínua, mas feita de pedaços que poderiam ser lidos isoladamente. Muitos deles foram publicados antes como peças autônomas, e talvez a idéia inicial não tenha sido a de um “romance”. No entanto, é perfeita a unidade do todo, como a d’O *amanuense Belmiro*, de Ciro dos Anjos, que surgiu a partir de crônicas publicadas em jornal.

Quando *Vidas secas* apareceu, há cinquenta anos, ninguém supunha estar lendo o último romance do autor, já então considerado um mestre supremo sem dúvida alguma. Mas muitos refletiram sobre as originalidades do livro. Lúcia Miguel Pereira, por exemplo, perguntava numa resenha do *Boletim de Ariel*, em maio de 1938:

Será um romance? É antes uma série de quadros, de gravuras em madeira, talhadas com precisão e firmeza.

Esta imagem é adequada à perspectiva da ensaísta, que graças a ela nega o caráter fotográfico, isto é, de documentário realista (então na moda), mostrando a força de Graciliano ao construir um discurso poderoso a partir de personagens quase incapazes de falar, devido à rusticidade extrema, para os quais o narrador elabora uma linguagem virtual a partir do silêncio. Como diz Lúcia, trata-se de “romance mudo

como um filme de Carlitos”. Esta nova imagem aprofunda a visão crítica sobre o livro, assinalando a força criadora de um estilo parcimonioso que parece estar no limite da expressão possível – em contraste com a caudalosa falação de tantos romances daquela hora. Do mesmo modo, pouco antes, em *Tempos modernos*, Chaplin tentara manter a força da imagem silenciosa em meio à orgia de sonoridade do cinema falado.

Na mesma nota, Lúcia observa com razão que Graciliano Ramos conseguiu em *Vidas secas* ressaltar a humanidade dos que estão nos níveis sociais e culturais mais humildes, mostrando a

condição humana intangível e presente na criatura mais embrutecida. Saber descobrir essa riqueza escondida, pôr a nu esse filão, é afinal a grande tarefa do romancista. Dostoievski não fez outra coisa. Mauriac o tenta em nossos dias.

Realizando-a, Graciliano deu voz aos que não sabem “analisar os próprios sentimentos”; e mostrou, ao fazer isso, que “ao mesmo tempo se impõe uma limitação e põe à prova a sua técnica”. Para Lúcia, de fato,

ser-lhe-ia infinitamente mais fácil descobrir a complexidade em criaturas proustianas do que nos meninos de Sinhá Vitória, a quem nem nome dá.

Por isso, o livro não se enquadrava nas categorias em moda no tempo:

Vidas secas não deve ser julgado como ‘romance nordestino’ ou ‘romance proletário’, expressões que não têm sentido, mas como um romance onde palpita a vida – a vida que é a mesma em todas as classes e todos os climas.

Nesta nota curta de uma ensaísta de excepcional talento, estão presentes alguns elementos essenciais para compreender *Vidas secas*: o problema da classificação de uma narrativa que o autor qualificou de “romance”, apesar de ser muito breve, equivalendo talvez a cem páginas datilografadas a trinta linhas; a sua estrutura descontínua; a força com que transcende o realismo descritivo, para desvendar o universo mental de criaturas cujo silêncio ou inabilidade verbal leva o narrador a inventar para elas um expressivo universo interior, por meio do discurso indireto; a superação do regionalismo e da literatura empenhada, devida a uma capacidade de generalização que engloba e transcende estas dimensões e, explorando-as mais fundo do que os seus contemporâneos, consegue exprimir a “vida em potencial”. Deste modo, Lúcia Miguel Pereira destacou os traços que ainda hoje fazem pensar criticamente o livro, indicando-os com a discreta segurança que sabia cultivar tão bem.

Para continuar falando de resenhas esquecidas, lembro a de Almir de Andrade no primeiro número da *Revista do Brasil*, 3ª fase, em julho de 1938. É menos penetrante do que a anterior, mas diz duas coisas de interesse.

Primeira:

Enquanto José Lins do Rego traduz os problemas sociais do Nordeste em grandes quadros, em visões de conjunto que surpreendem, Graciliano Ramos nos descreve esses problemas através dos efeitos que produzem nos pequenos ambientes e na própria intimidade do homem. Em *Vidas secas* não vemos a sociedade do alto, nos seus planos e nas suas linhas de movimento coletivo, mas a surpreendemos na repercussão profunda dos seus problemas, através de vidas humanas que vão passando, a braços com a miséria, perseguidas por opressões e sofrimentos.

Num trecho como este estamos no universo mais comum das verificações críticas daquele momento, quando ainda despertava grande interesse a força de desvendamento social que o romance ia operando no Brasil, num processo que hoje pode parecer secundário, porque já desempenhou o papel que devia desempenhar; mas que então equivalia a uma revelação transfigurada do país, pondo as suas partes em contacto vivo através da narrativa ficcional. Almir de Andrade distingue, no caso, as abordagens mais abrangentes daquelas que esquadrinham, porque a sua “grande arma (...) é o escalpelo”.

A segunda observação interessante dessa resenha é que *Vidas secas* se distingue de *Angústia* porque não tem a sua “importância nem estrutura orgânica”; mas apesar disso “não deixa de ter o seu valor”. E aqui temos um exemplo da crítica mais conservadora, inclusive porque ligada às formas habituais de análise psicológica na ficção. Almir de Andrade põe visivelmente *Angústia* muito acima de *Vidas secas*, porque tem “estrutura orgânica”, ou seja, no caso, contínua e fluida. E também porque procede a uma introspecção analítica mais canônica. Já Lúcia Miguel Pereira percebeu melhor a legitimidade e a força inovadora da forma descontínua, percebendo também que Graciliano Ramos fazia alguma coisa mais original e mais difícil, ao mostrar paradoxalmente a riqueza interior das vidas culturalmente pobres.

Nesse sentido, lembro que a presença da cachorra Baleia institui um parâmetro novo e quebra a hierarquia mental (digamos assim), pois permite ao narrador inventar a interioridade do animal, próxima à da criança rústica, próxima por sua vez à do adulto esmagado e sem horizonte. O resultado é uma criação em sentido pleno, como se o narrador fosse, não um intérprete mimético, mas alguém que institui a humanidade de seres que a sociedade põe à margem, empurrando-os para as fronteiras da animalidade. Aqui, a animalidade reage e penetra pelo universo reservado, em geral, ao adulto civilizado. Sem querer dizer que uma coisa é igual à outra, poder-se-ia considerar a invenção de Baleia tão importante

ao seu modo quanto o monólogo interior do retardado mental Benjy, em *Sound and Fury*, de Faulkner. São tentativas de alargar o território literário e rever a humanidade dos personagens.

Para chegar lá, Graciliano Ramos usou um discurso especial, que não é monólogo interior e não é também intromissão narrativa por meio de um discurso indireto simples. Ele trabalhou como uma espécie de procurador do personagem, que está legalmente presente, mas ao mesmo tempo ausente. O narrador não quer identificar-se ao personagem, e por isso há na sua voz uma certa objetividade de relator. Mas quer fazer as vezes do personagem, de modo que, sem perder a própria identidade, sugere a dele. Resulta uma realidade honesta, sem subterfúgios nem ilusionismo, mas que funciona como realidade possível. Inclusive porque Graciliano Ramos, aqui e no resto da sua obra, é o autor menos *kitsch*, menos sentimental da ficção brasileira contemporânea, que mesmo em praticantes de alto nível atola com frequência nesses brejos, desde os condenados de Oswald de Andrade até os proletários de Jorge Amado, com estações de passagem em textos tão eminentes quanto os de Guimarães Rosa.

Mas voltando à forma descontínua, cuja legitimidade Lúcia Miguel Pereira aceitou, é preciso observar que Graciliano Ramos a utilizou de maneira muito pessoal, diferente, por exemplo, da modalidade que Oswald de Andrade inaugurou no plano da composição com as *Memórias sentimentais de*

João Miramar. Em Oswald, neste e em outros textos, a descontinuidade da composição estava ligada à técnica do fragmento e tinha como correspondente certa sintaxe elíptica no plano do discurso (veja-se o estudo fundamental de Haroldo de Campos, *MIRAMAR NA MIRA*). Em Graciliano Ramos, trata-se de coisa completamente diversa.

Vidas secas é composto por segmentos relativamente extensos, autônomos mas completos, de narrativa cheia e contínua, baseada num discurso que nada tem de fragmentário. É a justaposição dos segmentos (não fragmentos) que estabelece a descontinuidade, porque não há entre eles os famosos elementos de ligação, cavalos de batalha da composição tradicional. Foi essa justaposição que me levou no passado a falar de composição em rosácea, para sugerir os episódios nitidamente separados, com o último tocando o primeiro. Este encontro do fim com o começo, como já foi observado, forma um anel de ferro, em cujo círculo sem saída se fecha a vida esmagada da pobre família de retirantes-agregados-retirantes, mostrando que a poderosa visão social de Graciliano Ramos neste livro não depende, como viu desde logo Lúcia Miguel Pereira, do fato de ter ele feito “romance regionalista”, ou “romance proletário”. Mas do fato de ter sabido criar em todos os níveis, desde o pormenor do discurso até o desenho geral da composição, os modos literários de mostrar a visão dramática de um mundo opressivo.

NOTA BIBLIOGRÁFICA

O ensaio maior, que dá nome a este livro, *Ficção e confissão*, apareceu no ano de 1955 em *Caetés*, como introdução à edição José Olympio das obras completas da Graciliano Ramos, tendo sido feita uma separata de 1.000 exemplares que circulou como volume independente.

Os bichos do subterrâneo é a introdução ao volume Graciliano Ramos da coleção *Nossos clássicos* da Editora Agir (1961). Em 1964 foi incluído no livro *Tese e antítese*.

No aparecimento de Caetés se baseia numa palestra feita em Maceió no ano de 1983 e incluída no pequeno volume coletivo *Cinqüenta anos do romance Caetés*, publicado em 1984 pela Secretaria de Cultura de Alagoas.

Cinqüenta anos de Vidas secas saiu no suplemento Cultura do Jornal *O Estado de São Paulo* em 1988.

Em 1992 eles foram reunidos no volume *Ficção e confissão. Ensaios sobre Graciliano Ramos*, que a Editora 34 publicou e depois reeditou em 1999. Reeditado agora pela Editora Ouro Sobre Azul, é referido como terceira edição, embora se possa considerar primeira, quanto ao ensaio maior, a separata de 1955: *Ficção e confissão. Estudo sobre a obra de Graciliano Ramos*.

SBD / FFLCH / USP	
Bib. Florestan Fernandes	Tombo: 321577
Aquisição:	Reposição /
Proc. / N.USP 6469911	
N.F.	/ R\$ 39,00 22/12/2009

14/12/09

00449

CIP BRASIL | CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS RJ

C223f
3a.edição

Candido, Antonio, 1918-
Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos
Antonio Candido | 3a. edição revista pelo autor | Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul 2006 | 156 pág.

ISBN 85 88777 18 5

1. Ramos, Graciliano, 1892-1953 | 2.Literatura brasileira | História e Crítica
I. Título II. Título: Ensaio sobre Graciliano Ramos III. Série

06 1586 CDD 869 93
 CDU 821 134 3 (81) 3

04.05.06 08.05.06 014410
